

Assédio sexual na Internet: "Miúdos sabem que estão a falar com adultos"

Estudo traça o perfil do predador online: homem, paciente, mestre na arte de ludibriar e aliciar, não usa nome ou perfil falso e só se torna 'agressivo' perante a recusa.

Maria Barbosa, Expresso de 4 de Julho de 2009

Dos EUA, país que mais recursos financeiros têm investido para descodificar o perfil (ainda envolto em mistério) do predador online, chegam algumas pistas: o adulto, quase sempre do sexo masculino, não aterroriza crianças inocentes a navegar na Internet em sites inofensivos ou a trocar mensagens com os amigos no Messenger ou nas redes sociais, como o Facebook ou MySpace.

Não há sequer provas de que o conteúdo das páginas pessoais lhe prenda a atenção, a menos que sejam fotos ousadas (imagens dos menores em fato-de-banho, por exemplo). E sabe-se também que não recorre à violência para se encontrar com as 'presas', a sós, e consumir a relação sexual.

Tal como confirmam os dados do Crimes against Children Research Center (CCRC), apenas 1% dos adultos condenados por crimes sexuais cometidos contra crianças travaram conhecimento com a vítima online. O que confirma que a maioria dos abusos são cometidos por familiares, vizinhos ou conhecidos das crianças. E não por desconhecidos. No entanto, a estatística pouco expressiva não espelha o aumento das detenções de predadores online nos EUA: de 644 em 2000 para 3100 em 2007. E com tendência a disparar.

Nos últimos anos, os especialistas americanos reuniram provas que lhes permitem afirmar, com clareza, que o predador online é habilidoso, paciente, um mestre na arte de ludibriar e insinuar-se junto do jovem que pretende aliciar, manifestando os mesmos interesses ou passatempos. O processo de aliciamento passa por várias fases e não tem prazo à vista, revela o retrato do estudo "Predadores Online e as Suas Vítimas", elaborado por Janis Wolak e David Finkelhor, da Universidade de New Hampshire.

Segundo o estudo, de 2008, estes delitos não podem ser tipificados mas alguns seguem o mesmo modelo: o predador aborda raparigas entre os 13 e os 17 anos, e não crianças, uma vez que essas, pela sua inexperiência, não se sentem tão à vontade a conversar com estranhos. E, ao contrário do que os pais julgam, "a

adolescente sabe que está a falar com um adulto", assegura Janis Wolak ao Expresso. Segundo ela, só 5% dos abusadores sexuais que recorriam à Internet para aliciar menores (apanhados em flagrante delito pela polícia) utilizavam uma identidade falsa.

Apesar de também não ser possível enumerar uma lista com as características que os predadores sexuais procuram nas vítimas, sabe-se que os jovens mais solitários, reservados, vulneráveis, ou que foram vítimas de abusos sexuais, estão mais expostos ao risco.

Já as conversas entre predador e presa (via SMS, Messenger ou salas de *chat*) são sempre de teor sexual. "Quando se proporciona o encontro, a jovem seduzida pelo desconhecido e o perigo, o que é comum na adolescência, julga-se atraída pelo adulto e preparada para uma relação sexual real". É nesta fase que a situação lhe foge ao controlo, fruto da imaturidade. Por isso os especialistas acreditam que não é a inocência que torna os jovens vulneráveis às ameaças online. "É o facto de reagirem por impulso; e de a inexperiência estar associada à descoberta sexual".

Depois de anos a analisar este fenómeno, Janis Wolak descreve-o como uma nova dimensão do abuso sexual de menores. "Encontros marcados online entre adultos e jovens que têm como consequência o crime sexual, uma vez que o menor não tem idade para consentir a relação".

Ana Caetano, advogada e autora da tese "Prevenção Legal da Recaída dos Abusadores Sexuais", explica que o abusador está, porém, preparado para a hesitação ou resistência do menor. "Aí, irá chantageá-lo com a quebra da amizade". Se a resistência se mantém, a chantagem evolui. É nessa altura que o abusador ameaça divulgar o conteúdo das conversas ou as imagens ousadas.

Segundo Tito de Moraes, fundador do *site* Miúdos Seguros na Net, não são as redes sociais que criam predadores sexuais. "E contrariamente ao que acontece nas salas de *chat*, os proprietários das principais comunidades online têm desenvolvido esforços para afastarem os predadores sexuais das plataformas".

Recentemente, surgiram ferramentas que permitem monitorizar as actividades dos filhos nas redes sociais, disponíveis ainda só em inglês. Mas, como assegura Tito de Moraes, "a ferramenta essencial é mimo. É importante demonstrar-lhes carinho para que não procurem noutros locais aquilo que nos compete dar-lhes".